

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o IndieLisboa - Isto não é um Documentário - Retrospectiva

Mockumentary

2 e 4 de Maio de 2026

### THE GIRL CHEWING GUM / 1976

de John Smith

Realização, imagem, montagem: John Smith / Reino Unido, 1976 / Cópia: 16mm, preto e branco, legendada eletronicamente em português / Duração: 13 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

### REAL SNOW WHITE / 2009

de Pilvi Takala

Realização: Pilvi Takala / Equipa: Raphaël Siboni, Ahmet Ögüt, Pénélope Gaillard, Anna Savolainen / Finlândia, 2009 / Cópia: DCP, cor, legendada eletronicamente em português e inglês / Duração: 9 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

### HÄNDELSE VID BANK / 2010

*“Incidente Bancário”*

de Ruben Östlund

Realização e argumento: Ruben Östlund / Fotografia: Marius Dybwad Brandrud / Som: Jan Alvermark, Niklas Skarp / Montagem: Ruben Östlund / Com: Lars Melin, Henrik Vikman, Bahador Foladi / Suécia, 2010 / Produtores: Erik Hemmendorff, Marie Kjellson / Cópia: DCP, cor, legendada eletronicamente em português e inglês / Duração: 12 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

### A STORY FOR THE MODLINS / 2012

de Sergio Oksman

Realização: Sergio Oksman / Argumento: Sergio Oksman, Carlos Muguero, Emilo Tomé / Fotografia: Migue Amoedo / Som: IPlaki Sánchez / Montagem: Fernando Franco, Sergio Oksman / Produção: Dok Films (Espanha) / Produtor: Sergio Oksman / Espanha, 2012 / Cópia: DCP, preto e branco e cor, legendada eletronicamente em português e inglês / Duração: 26 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca: 1 de Julho de 2017, “Carta Branca 25 Anos Curtas Vila do Conde”.

duração total da projeção: 60 minutos

Este programa lida com as fronteiras entre a verdade e a mentira e a exploração da verosimilhança no cinema. O caso mais paradigmático será o de **The Girl Chewing Gum**, filme de 1976 do cineasta e artista britânico John Smith, que poderá ser considerado um clássico do género. Treze minutos de uma montagem de imagens de uma rua movimentada da cidade de Londres, filmadas preto e branco, são como que dirigidas por uma voz *off*, que as descreve e dá ordens a quem as atravessa. Tudo parece estar bem até que face a determinadas “ordens” somos levados a desconfiar se tal comentário não terá sido escrito *a posteriori*. Este foi um filme realizado quando John Smith ainda se encontrava a estudar cinema, mas nos anos seguintes habituou-nos a uma conciliação do rigor e de um humor que lhe seria habitual. Uma verdadeira revelação para quem nunca o viu.

O projecto do filme seguinte, **Real Snow White**, do finlandês Pivli Takala, está em parte contido no seu título. A realidade e a mentira, ou a realidade e a ficção confundem-se na personagem de Branca de Neve, neste caso, numa mulher adulta que se veste como a personagem da Disney e se dirige ao parque da Disneylândia em Paris acompanhada por uma câmara para testar os limites de tal gesto. Ainda às portas do parque é naturalmente confundida pelos visitantes com a “personagem/intérprete” contratada pela Disney para fazer de Branca de Neve, que estará no interior do recinto. Estamos no mundo dos simulacros, descrito há muitos anos por Jean Baudrillard, autor que tanto interesse tinha pelos parques temáticos, um mundo em que o real é frequentemente pensado como mais real do que o real. Pergunta-se várias vezes no filme: “Is she the real Snow White?”. Existe uma “verdadeira” Branca de Neve? Quem é a “verdadeira” Branca de Neve. São todas e não é nenhuma, a não ser a personagem desenhada por Walt Disney para **Snow White and the Seven Dwarfs**, a primeira longa-metragem da Disney, rodada em 1937. No filme de Pivli Takala demonstra-se como num universo que promete a realização de todas as fantasias, tal só se verifica quando estas são controladas pela própria Disney, culminando com a proibição de entrada da “falsa” Snow White que, por não ser criança, é obrigada a trocar de roupa para poder entrar. Sobrará toda a troupe de adultos com máscaras, que deambularão pelo recinto ao lado de crianças vestidas de Branca de Neve.

Em **Händelse Vid Bank/“Incidente Bancário”**, o sueco Ruben Östlund reconstitui num único plano uma tentativa de um assalto a um banco que terá acontecido em junho de 2006, em Estocolmo. Tudo é extremamente confuso numa coreografia que envolveu quase uma centena de participantes, observada de longe por uma câmara que se confunde com o nosso próprio olhar e que corresponde ao olhar de duas testemunhas elas próprias algo confusas. Realidade que se desenrola perante os nossos olhos, ou ficção? A ficha técnica permite-nos perceber como tudo foi encenado para a câmara, num gesto extremamente curioso.

**A Story for the Modlins** pode ser descrito como um falso documentário que parte dos arquivos familiares dos referidos Modlins, que o realizador brasileiro terá encontrado no lixo das ruas de Madrid. Daí o "for" the Modlins, como se Sergio Oksman lhes estivesse a oferecer (e nos estivesse a oferecer) uma história entre muitas outras possíveis. A riqueza do arquivo é impressionante e o dispositivo escolhido por Oksman presta-lhe inteira justiça. O filme **Rosemary's Baby**, é o ponto de partida dessa história e de toda a especulação em torno de expectativas de sucesso de um aspirante a actor que não terá passado de papéis secundários (Elmer Modlin), como o do filme de Roman Polanski, que nem lhe terá garantido um nome no genérico, e que frustrado terá abandonado os Estados Unidos para se encerrar com a mulher e o filho adolescente num apartamento em Madrid durante trinta anos. Fotografias, fragmentos de diários e de cartas e um registo em vídeo dão assim origem a uma narrativa que faz de cada um dos Modlins (pai, mãe e filho) uma personagem extremamente rica: Elmer enquanto actor falhado, e Margaret Modlin no seu papel de pintora mística que exploraria o seu filho como modelo, constituindo os três o centro de uma ficção construída exclusivamente com base na documentação. A verosimilhança dessa história contada cronologicamente assenta nesses mesmos arquivos que desfilam sob os nossos olhos atravessados pelo filtro da ficção.

Joana Ascensão